

AS CENAS DE ENUNCIÇÃO DO ECOSISTEMA DA DESINFORMAÇÃO CONSTRUÍDO SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19: UM OLHAR SOBRE O TEXTO DE VERIFICAÇÃO

Cleânia Martins de OLIVEIRA¹

Otávia Marques de FARIAS²

RESUMO

O presente artigo analisa as cenas de enunciação do ecossistema da desinformação construído sobre a vacinação contra a Covid-19, tomando como objeto de investigação o texto de verificação. Para isso, ancoramo-nos na teoria da Análise do Discurso de origem francesa, sobretudo no conceito de cenas de enunciação de Maingueneau (1994, 2008, 2015). Como procedimento metodológico, foram coletados textos de verificação dos sites *Agência Lupa*, *Fato ou Fake* e *Comprova*, no período de janeiro a setembro de 2021, período que coincidiu com o início da vacinação contra a Covid-19 e sua estabilização no país. As análises apontaram que, quanto à cena englobante, esta corresponde ao tipo de discurso jornalístico, por apresentar características prototípicas do jornalismo, com perfil informacional, acrescido do simulacro de objetividade e imparcialidade. No que se refere à cena genérica, afigura-se como reportagem interpretativa, conforme conceituou Granez (2020), por apresentar aspecto investigativo e com aprofundamento dos fatos, conduzindo o leitor à interpretação. Por fim, quanto à cenografia, notou-se que é constituída a partir de várias cenas validadas, iniciando com a cenografia da notícia e desenvolvendo-se para a cenografia da reportagem interpretativa, a partir de cenas de pesquisas, entrevistas, coleta de dados, comparações e investigações mais incisivas das notícias falsas.

Palavras-chave: Cenas de enunciação. Vacinação. Covid-19. Desinformação. Texto de verificação.

ABSTRACT

This article analyzes the scenes of enunciation within the ecosystem of disinformation built around the Covid-19 vaccination, taking the verification text as the object of investigation. To do so, we rely on the theory of Discourse Analysis, particularly Maingueneau's concept of scenes of enunciation (1994, 2008, 2015), originated from French Discourse Analysis. As a methodological procedure, verification texts from the websites *Agência Lupa*, *Fato ou Fake*, and *Comprova* were collected from January to September 2021, a period that coincided with the beginning and stabilization of Covid-19 vaccination in Brazil. The analysis indicated that, regarding the overarching scene, it corresponds to journalistic discourse by presenting prototypical characteristics of journalism, with an informative profile enhanced by the simulacrum of objectivity and impartiality. Concerning the generic scene, it takes the form of interpretative reporting, as conceptualized by Granez (2020), by presenting investigative aspects and in-depth exploration of facts, leading the reader to interpretation. Finally, regarding the scenography, it was observed that it is constituted by various validated scenes, starting with the scenography of news and evolving into the scenography of interpretative

¹ Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Professora vinculada à Secretaria do Estado do Ceará (SEDUC-CE). E-mail: cleaniadeoliveira@hotmail.com

² Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: otavia@unilab.edu.br . Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5068-7559>

reporting, through scenes of research, interviews, data collection, comparisons, and more incisive investigations of fake news.

Keywords: Scenes of enunciation. Vaccination. Covid-19. Disinformation. Verification text.

Introdução

No contexto informacional atual, com as novas tecnologias e seus avanços, há que se reconhecer que o jornalismo tem se confrontado com uma série de mudanças e desafios, que, de certo modo, têm afetado a comunicação. De acordo com Pavlik (2005, p. 13) o que se pode evidenciar nessa realidade é que, com essas inovações, tem surgido uma nova forma de fazer jornalismo, com características que se refletem “em notícias onipresentes, acesso global à informação, cobertura instantânea, interatividade, conteúdo multimídia e extrema personalização de conteúdo”. Desse modo, vemo-nos cercados por um grande conjunto de informações, que são produzidas por uma pluralidade de fontes e consumidas de forma massiva, dificultando o processo de filtragem e uma análise mais criteriosa daquilo que é apresentado como fato.

Neste cenário de intensa difusão da informação, caracterizado pela facilidade de acesso e interação, um complexo sistema de produção de conteúdos noticiosos institui-se no meio comunicacional, implicando na disfunção do trabalho jornalístico e afetando diretamente a produção de notícias, antes delegada ao profissional do jornalismo e, no cenário atual, muitas vezes, terceirizada aos usuários das mídias digitais, o que possibilita a qualquer indivíduo realizar a produção dessas notícias. Nesse contexto, a informação é produzida e disseminada por distintos atores e diferentes instituições, que, baseados em propósitos de cunho político, religioso, econômico ou ideológico, manipulam fatos e conteúdos. Estes, por sua vez, conforme já apontado, são difundidos em um crescente fluxo informacional nas mídias digitais.

Destaque-se, nesse novo ambiente de produção jornalística, o texto de verificação (denominação defendida por nós nesta pesquisa), que se configura como um gênero discursivo que surge a partir da emergência comunicacional contemporânea, a fim de validar ou não os conteúdos que podem causar interpretações duvidosas e imprecisas. Assim, em fase de consolidação, esse gênero apresenta “um formato discursivo diferenciado” (PALÁCIOS, 2018, p.88), tendo em vista a laboriosa função de corrigir notícias fabricadas e apresentar uma versão das informações mais condizente com a chamada “verdade dos fatos”. Desse modo, a fim de garantir sua credibilidade no debate público, esse novo gênero mobiliza uma série de recursos, de ordem tanto formal quanto linguística, para a construção dos enunciados.

Assim, com base nesses pressupostos, este artigo apresenta resultados de pesquisa a respeito do texto de verificação e suas implicações no ecossistema de desinformação. Trata-se de parte de uma investigação que busca compreender como são construídas as cenas de enunciação do ecossistema de desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19, tomando como objeto de análise o texto de verificação. Na condução deste trabalho, nossos objetivos foram: 1) identificar as cenas de enunciação dos enunciados produzidos para a verificação das *fake news* sobre a vacinação contra a Covid-19; 2) examinar de que modo essas cenas são mobilizadas nos referidos enunciados; 3) analisar as recorrências (regularidades) presentes nas cenas enunciativas do *corpus*.

Para alcançar esses propósitos de pesquisa, descrevemos os enunciados coletados e selecionados na etapa de composição do *corpus*, categorizando cada cena identificada

de acordo com as suas especificidades, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso (AD) e, especificamente, com base nas cenas de enunciação de Maingueneau (2008). Com isso, cremos ter feito achados relevantes para a investigação sobre os textos de verificação, que são enunciados que, dotados de inegável importância no atual contexto de ampla difusão da desinformação, apenas começaram a ser estudados com a atenção e o aprofundamento que requerem.

Vamos, então, nos tópicos a seguir, ao desenvolvimento propriamente dito da pesquisa que apenas começamos a apresentar.

1 O fenômeno da desinformação

“Vivemos em uma era de transtorno da informação”, adverte Wardle (2020, p. 8). De fato, o que caracteriza o contexto informacional atual é o predomínio de “notícias falsas e desordens informacionais” (FRAU-MEIGS, 2019, p. 77). Essa presença de “falsificações profundas” de fatos e narrativas aponta para um fenômeno destabilizador e danoso à sociedade: a desinformação. Dadas as circunstâncias de sua complexidade no contexto midiático, muito se tem discutido sobre a conceituação, o funcionamento e as consequências da desinformação em nossa sociedade.

Apesar do uso do termo desinformação imprimir a ideia supostamente clara e consensual contida no próprio item lexical, o que poderia, a partir de um olhar mais superficial, eximi-lo de análises mais detalhadas, o processo pelo qual a desinformação se estrutura e se alimenta é bastante complexo e danoso, sendo motivado por inúmeros propósitos e estando associado a interesses de diferentes setores de atuação da sociedade. Esse fenômeno complexo se encontra interligado “à criação deliberada e ao compartilhamento de informações falsas ou manipuladas, destinadas a enganar e induzir o público ao erro, seja para causar danos, ganhos políticos, pessoais ou financeiros” (DCMS, 2019, p. 7).

Nessa mesma perspectiva, Brito e Pinheiro (2014) destacam que a desinformação seria fruto de um sistema organizado, de um projeto de dominação política e ideológica, em que os meios de comunicação de massa que veiculam esse tipo de conteúdo o fazem para difundir prioritariamente o que confunde e desinforma. “É um conteúdo intencionalmente falso e criado para causar danos”, segundo Wardle (2020, p. 10). Mesmo assim, ainda que seja construída sobre o falso, a desinformação, de acordo com Fox (1983), pode ser (ou parecer) informativa. Pode levar aos usuários a ideia de verdade, de informação, de conhecimento. Sua estrutura é cuidadosamente construída com estratégias de marketing, o que facilita sua difusão e articulação (GITAHY, 2018).

Desse modo, de acordo com Wardle e Derakhshan (2018), o termo *fake news* já não contempla a complexidade do problema que integra o que ela denomina como ecossistema de desinformação ou desordens informativas. Segundo a autora, o termo “falso” (tradução de *fake*) não leva em consideração os diferentes níveis de desinformação causados por esse tipo de conteúdo, que, além de problemático e falso, traz motivações distintas, desde o partidarismo, o lucro, a influência política/econômica até a difamação.

Nesse contexto de desordens informacionais, as agências de *fact-checking* têm ganhado proeminência no âmbito dos meios de comunicação digital e vêm desempenhando um papel importante na verificação dos fatos e das informações, numa luta imprescindível contra a desinformação, principalmente em contextos como o da pandemia, vivenciada muito recentemente. Dessa forma, pela necessidade sociocultural de esclarecer a “verdade dos fatos” e de criar estratégias de legitimação da distinção entre informação confiável e desinformação, um gênero textual emergente surge: o texto de verificação.

2 Os textos de verificação

Em meio à exorbitante difusão de conteúdos duvidosos nos veículos de comunicação, apurar e verificar notícias potencialmente enviesadas tornou-se exercício de extrema importância no debate público, já que a crescente disseminação de desinformação tem afetado gravemente diversas áreas de atuação da sociedade. Por essa razão, as agências de verificação de notícias têm ganhado espaço nos meios de comunicação de massa e se tornado um novo *locus* de atuação profissional para jornalistas, que, em busca de transparência e credibilidade nas mídias, agem ostensivamente no combate à desinformação.

Para Seibt (2019, p. 123), a atividade de checagem, apesar de denotar mudanças no trabalho jornalístico, ainda não se configura como uma atividade madura, nem para os profissionais envolvidos, nem para o público, que se encontra em um ambiente marcado pela disputa de narrativas. Essa disputa se dá, primordialmente, nas redes sociais, impossibilitando, ou ao menos dificultando, o controle sobre as informações (SEIBT, 2019, p 123). Assim, conceituar o texto de verificação e suas especificidades, ainda nessa fase de sua estruturação e amadurecimento no campo jornalístico, constitui uma atividade que demanda pesquisas, discussões e análises, tornando-se muitas vezes complexa e difícil.

Em busca de dar conta de tal empreitada, ao descrever a estrutura do texto que verifica notícias falsas, Granez (2020, p. 5) aponta que, a depender do resultado das checagens, esses textos, a princípio, recebem algumas etiquetas classificatórias, como “verdadeiro”, “falso”, “procede”, “mas se liga”, “perdeu a linha”, “está sendo estudado”, “em busca de certezas”. Essas etiquetas, segundo Coutinho (2022), buscam direcionar o olhar do leitor e facilitar a sua compreensão, apesar de, defende o autor, definirem-se como limitadores da narrativa e do próprio método de análise.

Um dado relevante apontado por Granez (2020), e que consideramos inédito, é que a estrutura textual do texto de verificação, principalmente do *corpus* da sua pesquisa, remete à estrutura da reportagem como tipo textual e à interpretação como gênero discursivo. Isso porque, segundo o autor, o processo de checagem perpassa processos similares ao processo da reportagem, em que o verificador, de posse da mensagem a ser checada, terá que confirmá-la ou refutá-la, o que exige a mobilização de diversos procedimentos inerentes à apuração jornalística. Para isso, o verificador terá que realizar o contraste entre diferentes versões, fazer entrevistas com especialistas sobre o assunto, realizar leituras de documentos, usar instrumentos tecnológicos de investigação da web, entre outros. Evidencia-se, desse modo, que todo o processo se assemelha ao processo de investigação e interpretação pelo qual passa a reportagem, iniciando pela interpretação e seguindo para o aprofundamento dos fatos.

Assim, argumenta Granez (2020, p. 12), “por essas razões, entende-se que a checagem de informações é um dos subgêneros do jornalismo investigativo e interpretativo.” Na visão do autor, o texto de verificação pode ser caracterizado como um texto investigativo e interpretativo, por ter a função de aprofundar a informação, ampliá-la e dar-lhe perspectiva. Desse modo, o autor assevera que a checagem pode ser enquadrada no gênero reportagem interpretativa.

Diante dessa reflexão, nota-se, portanto, que o texto de verificação é um tipo de texto que não se limita apenas a informar, mas ultrapassa os limites da notícia (GRANEZ, 2020, p. 12), avançando para a esfera da investigação e da interpretação das informações, redimensionando os fatos e dando saliência ao conhecimento especializado. Aponta para

a importância da veracidade das informações como forma de combater o ecossistema de desinformação, que tem, nos últimos anos, conforme já mencionado, avançado nas mídias digitais, justamente em uma era na qual o que é entendido por “verdadeiro”, “factual”, já não parece ser tão importante quanto as narrativas que fazem enaltecer as emoções, as crenças e as ideologias dos sujeitos.

Temos, neste ponto, a inegável relevância e atualidade das discussões sobre a desinformação e sobre o papel dos textos de verificação. Resta-nos, como próximo passo, tratar da base que a AD, sobretudo com sua noção de cenas de enunciação, fornece-nos para o estudo desses enunciados. É isso que abordaremos no próximo tópico.

3 Análise do discurso e as cenas de enunciação

O discurso, a partir da perspectiva da AD, é entendido como um processo socio-histórico que viabiliza a mediação entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, defende Orlandi (2020), é o que torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem na sociedade. Desse modo, a AD concebe o discurso como uma prática de linguagem em movimento, focada nos processos de (re)construção e circulação de sentidos.

Nesse sentido, dentre os desdobramentos do estudo sobre o ecossistema da desinformação, encontra-se uma discussão emblemática que merece destaque nessa pesquisa, que é a compreensão de como os sentidos de um dado discurso (no caso, o discurso desinformativo) são construídos e articulados no contexto enunciativo e qual a relação existente entre esses discursos e os sujeitos de uma dada conjuntura histórico-social. Essa discussão incide sobre o pressuposto defendido pela AD de que todo sujeito fala a partir de uma formação discursiva. Nela, interpelado pela história em sujeito falante, esse sujeito do discurso marca sua posição, representando, através da linguagem, sua formação ideológica.

É válido lembrar que, no arcabouço da AD, a formação discursiva pode ser definida como “um conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas regras de formação” (BRANDÃO, 2004, p. 106). Essa formação discursiva está intrinsecamente relacionada a uma formação ideológica específica, definindo o que pode e deve ser dito, tendo como referência um lugar social historicamente determinado. Desse modo, é a formação discursiva que permite ao sujeito-falante construir sentidos nos enunciados e colocar-se como uma posição a partir de uma determinada conjuntura histórica.

Pode-se, desse modo, perceber que as práticas discursivas do ecossistema de desinformação se constituem a partir de certas formações discursivas, já que há um sujeito que, interpelado pela ideologia e por dizeres outros, assume o papel de sujeito do discurso e produz enunciados a partir de uma conjuntura histórico-social. É um sujeito que acredita na transparência de seu dizer, na ilusão de que é a fonte do que enuncia, mas que, na realidade, produz sentidos a partir de discursos dados.

É válido ainda destacar que os discursos desinformativos são discursos que seguem uma certa regularidade na forma, acompanhados de ideologias e posições políticas. Esses discursos, mesmo quando produzidos com a intenção de desinformar, de causar danos, são instituídos por um sujeito não-intencional (no sentido de não ser “dono” e origem do seu dizer), mas assujeitado pela ideologia, pela história e pela posição de classe. É exatamente esse processo de assujeitamento que o torna sujeito de práticas sociais e discursivas.

A partir dessa concepção, Orlandi (2020), apoiada nos estudos de Pêcheux (1995), relembra que não existe discurso sem sujeito, e, conseqüentemente, que não há sujeito sem ideologia. Diante disso, a AD considera que o discurso se configura como o lugar

ideal para se compreender a relação existente entre língua e ideologia, o que implica a construção de sentidos realizada por/para os sujeitos (ORLANDI, 2020, p. 15), decorrendo dos efeitos de sentido a interpretação dos enunciados.

Para além disso, é essencial, para nossos objetivos, lembrar que o sujeito, enquanto ser histórico e ideológico, ao enunciar, fá-lo simultaneamente à construção de uma encenação, na busca de inscrição e legitimação do discurso. Desenvolve, então, um quadro cênico constituído por cenas enunciativas que são complementares e indissociáveis, no ato discursivo, para a produção de efeitos sentido. Trata-se da cena englobante, da cena genérica e da cenografia.

A cena englobante “resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 118), em que as falas circulam por meio de sua função social. É a partir dela que percebemos se temos um discurso de tipo publicitário, religioso, administrativo, filosófico, etc.

Já a cena genérica pode ser caracterizada pelo gênero discursivo, o que diz respeito a um regime preestabelecido de coerções a que um enunciado se submete. É a parte do quadro cênico que pode ser compreendida como o quadro predelineado ao qual o discurso se encontra atrelado. É aqui que se determinam papéis, lugar, tempo e circunstância/situação em que dado discurso se apresenta.

A cenografia, por sua vez, não é um quadro, um modelo, como se o discurso ocorresse num espaço pré-determinado, ela é aquilo que a enunciação instaura, engendra. É o discurso que, ao se desenvolver, estabelece a cena requerida, a fim de legitimar, validar as circunstâncias descritas no enunciado, já que “todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima” (MAINGUENEAU, 2008, p. 87).

É necessário salientar, ainda, que essa encenação que constitui um texto, como bem assegura Maingueneau (1994), não é um bloco compacto, fechado em si, mas ela faz interagirem essas três cenas de enunciação, instituídas pelo autor, que são complementares e indissociáveis no ato discursivo para a produção de efeitos sentido. É a partir da cena englobante, da cena genérica e da cenografia constituídas num determinado enunciado que o sujeito se posiciona quanto ao seu papel e objetivo naquela encenação discursiva.

Assim, trabalhamos, nesta pesquisa, com as cenas enunciativas instituídas nos textos que verificam as notícias falsas/desinformativas produzidas sobre a vacinação contra a Covid-19, atentando para os elementos que legitimam os discursos nelas mobilizados. É consabido que o discurso do texto verificador se pauta na produção de enunciados que buscam esclarecer fatos omissos ou inventados em notícias consideradas imprecisas ou de conteúdo enganoso que circulam nas mídias digitais. A fim de atingir tal objetivo, as três cenas enunciativas apresentadas anteriormente são constituídas, com encenações de falas características do discurso jornalístico, como forma de legitimação dos fatos narrados, e com o propósito de desmentir a notícia falsa/desinformativa.

Desse modo, evidenciam-se entrelaçamentos de cenografias no decorrer do texto, com cenas de falas de autoridades, instituições ou discursos científicos. Esse entrelaçamento de cenas no texto verificador revela o desejo de verdade desses enunciados, apontando para uma necessidade urgente de legitimar, sobretudo através de cenas validadas, o que se pretende comprovar aos interlocutores.

Vejamos, no tópico a seguir, expostos de maneira bastante sucinta, os delineamentos metodológicos que seguimos para analisar as referidas cenas de enunciação nos textos de verificação examinados.

4 Os procedimentos metodológicos

Tomamos como objeto de estudo textos de verificação dos sites de checagem *Agência Lupa*, *Fato ou Fake* e *Projeto Comprova*, que verificaram as notícias falsas/desinformativas relacionadas à vacinação contra a Covid-19, no período de janeiro a setembro de 2021. O período selecionado nos permitiu avaliar o aumento ou a diminuição da frequência desses textos nos mencionados sites de checagens, tendo em vista que coincidiu com a progressiva redução nos índices de contaminação, por conta das medidas sanitárias tomadas e da chegada e aplicação, cada vez mais ampliada, das vacinas.

Quanto à coleta do *corpus*, o acompanhamento se deu semanalmente, através de pesquisas nos *sites* de checagem. Em média, coletamos entre 3 e 4 verificações por semana, perfazendo, ao final, um total de 135 textos de verificação coletados. Diante disso, a fim de obtermos um melhor trabalho analítico e alcançarmos o resultado em tempo hábil, fizemos um filtro dessas coletas, em que selecionamos apenas dezesseis textos de verificação para a análise. Levamos em consideração, no processo de recorte para se chegar aos 16 textos finais, os valores-notícia³ típicos da cultura jornalística. Dentre esses valores-notícia, destacamos: o impacto, a proeminência, o interesse coletivo, a notoriedade, o inesperado e a dramatização.

Desse modo, selecionamos para a análise somente os textos que verificaram notícias falsas/desinformativas sobre vacinação e que fizeram alusão à morte de profissionais da saúde, morte de crianças, morte de muitas pessoas ao mesmo tempo, efeitos magnéticos na vacina, ineficácia da vacina, artistas que têm certa notoriedade na sociedade, etc. Nosso *corpus* é composto, portanto, da verificação de textos desinformativos que se constituem a partir desses valores-notícia, o que faz com que o acontecimento noticiado, de certa forma, tenha potencial para causar impacto na vida das pessoas e, até mesmo, nas políticas públicas de uma nação.

É necessário, ainda, esclarecer que, como este artigo se configura como uma peça de divulgação dos resultados de uma pesquisa maior, realizada no âmbito do Mestrado em Estudos da Linguagem da Unilab, selecionamos, para a análise a ser apresentada neste trabalho, 4 desses textos de verificação, que terão, aqui, função ilustrativa. Vejamos, a seguir, alguns de nossos achados.

5 Caminhos analíticos: do texto de verificação e suas implicações enunciativas

A fim de que o que viemos discutindo até aqui não se esgote nas teorias, apresentaremos uma breve análise discursiva, com base nos princípios da AD e nas cenas de enunciação de Maingueneau (2008), conforme destacamos anteriormente. Não pretendemos exaurir as possibilidades analíticas, mas evidenciar alguns aspectos linguístico-discursivos mobilizados através das cenas enunciativas na construção dos textos de verificação. Assim, selecionamos algumas imagens de textos de verificação dos sites pesquisados, *Fato ou Fake*, *Agência Lupa* e *Comprova*, as quais examinamos com base nas cenas enunciativas (cena englobante, cena genérica e cenografia), conforme explicitamos em nossos objetivos. É importante, ainda, destacar que as imagens a seguir têm caráter ilustrativo e servem de mote para que discutamos os achados presentes na pesquisa de que este artigo faz parte. Passemos ao primeiro texto.

³ Os valores-notícia, de acordo com Traquina (2005), constituem um aspecto fundamental da cultura jornalística, por constituírem referências claras e disponíveis a conhecimentos práticos sobre a natureza e os objetos da notícia, facilitando sua complexa e rápida elaboração. São os óculos particulares dos jornalistas, que veem certas coisas e outras não e que operam no processo de seleção e construção das notícias.

Figura 1

g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/05/04/e-fake-que-imagens-mostrem-pessoas-caindo-nas-ruas-apos-tomarem-vacina-na-india.ghtml

lobo.com g1 ge gshow globoplay ASSINE JÁ CLEÂNIA OLIVEIRA

MENU g1 FATO OU FAKE BUSCAR

É #FAKE que imagens mostrem pessoas caindo nas ruas após tomarem vacina na Índia

Imagens foram feitas em maio de 2020 após vazamento de gás em fábrica de resina. Índia iniciou vacinação em janeiro de 2021.

Por Roney Domingos, G1
04/05/2021 16h55 - Atualizado há um ano

Facebook Twitter WhatsApp Telegram LinkedIn Print

Foto: Reprodução

Circula pelas redes sociais um vídeo que mostra o momento em que pessoas desmaiam na calçada em meio a ambulâncias e ao som de sirenes de carros de emergência. Uma legenda diz que isso ocorreu após as pessoas tomarem a vacina contra a Covid-19. É #FAKE.

Uma legenda falsa que acompanha o vídeo diz: "Genocídio na Índia após a inoculação de 138 milhões de indianos que foram injetados em 3 meses. As pessoas caem como moscas após a vacina".

Uma busca reversa nas imagens usadas na mensagem falsa leva a um **acervo** fartamente documentado de notícias de um **vazamento de gás ocorrido em uma fábrica de polímeros, resina plástica e fibra sintética em Visakhapatnam**.

As imagens são anteriores, portanto, ao **início da vacinação na Índia, em janeiro de 2021**.

Atualmente **cerca de 9,5% da população de 1,35 bilhão recebeu vacina** e o país enfrenta uma queda súbita no número de doses ministradas. Há problemas de oferta e entrega. Ao menos três estados relatam falta de doses.

As previsões mostram que os dois principais produtores de vacinas no país vão demorar pelo menos dois meses para conseguir aumentar a produção (a quantidade atual é de 70 milhões a 80 milhões de doses por mês). A Índia pediu para que a Pfizer, a Johnson & Johnson e a Moderna ofereçam propostas de contratos, mas nenhuma das três o fez até agora.

Caos

A **Índia chegou à marca de 20 milhões de casos notificados de coronavírus** na terça-feira (4) e efetivamente vive uma situação caótica, mas não por causa da vacina e, sim, pela falta dela. A alta de infecções sobrecarregou o sistema de saúde do país, que enfrenta problema da falta de oxigênio. Há vítimas que morrem em ambulâncias ou mesmo em carros estacionados do lado de fora dos hospitais.

Na segunda-feira, um funcionário do Ministério da Saúde afirmou que em algumas regiões o número de infecções está em tendência de queda. Mas o modelo do governo aponta para um pico no meio desta semana.

O primeiro-ministro, Narendra Modi, não impôs um lockdown nacional por ter medo de uma recessão econômica, mas os governos regionais decretaram medidas de restrição.

Fonte: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/05/04/e-fake-que-imagens-mostrem-pessoas-caindo-nas-ruas-apos-tomarem-vacina-na-india.ghtml> Acesso em: 04 mai. 2021.

Utilizando o texto acima como ponto de partida, foquemos a atenção na cena englobante. O texto da figura 1 apresenta características inerentes à rede de gêneros jornalísticos, com manchete em destaque, identificação do autor, data, veículo e horário. Consideramos que essa estrutura afigura-se representativa do tipo de discurso jornalístico, uma vez que se utiliza de recursos linguísticos e estilísticos padronizados no meio midiático de comunicação para chamar a atenção do leitor para a notícia a ser lida. Note que, a princípio, na parte superior esquerda do texto, há o logotipo da instituição jornalística G1, que remete a um suporte jornalístico reconhecido, nos meios de comunicação de massa, pela veiculação de notícias e fatos na atualidade. Em seguida, a expressão “Fato ou fake”, que identifica o projeto de verificação do jornal, sinaliza para a avaliação do texto como algo verdadeiro (fato) ou como algo falso (fake). O leitor, diante desses elementos, mobilizará estratégias de antecipação com relação ao que será apresentado.

A expressão “É #FAKE”, utilizada em caixa alta no início da manchete, além de chamar a atenção do leitor para a falsidade da notícia, aciona sua curiosidade para descobrir detalhes sobre a informação imprecisa e sobre o passo-a-passo da verificação realizada. Observemos que a manchete, conforme vemos nos jornais, tanto impressos como online, apresenta-se de forma destacada frente ao restante do texto. Um outro fator que aproxima parte considerável dos textos de verificação do discurso jornalístico é que há, neles, a apresentação do título seguido de um subtítulo, como forma de incluir mais informações sobre o assunto de que trata, especificamente, aquela checagem. Além disso, o nome do autor, seguido da data e do horário da publicação, além de reforçar o estilo jornalístico, ajuda a situar e legitimar as informações dadas.

Nota-se que a interdiscursividade nesse tipo de texto assume papel preponderante no processo de validação da cena englobante jornalística. É a partir do diálogo entre textos diferentes que discursos são ratificados e legitimados, a fim de atender a necessidade de compreensão e interpretação por parte dos interlocutores. Assim, encontramos, nos textos de verificação, outras vozes, que se relacionam, no interior dos discursos, para complementar informações e construir novos sentidos. Há, na materialidade dos discursos que perpassam os textos de verificação, a presença de outros textos, a memória de outros gêneros discursivos participantes da mesma rede, que se intercalam e se unificam na busca por adesão do enunciário.

Figura 2

uol INGRESSO.COM UOL HOST PAGBANK CURSOS UOL PLAY UOL ADS BUSCA BATE-PAPO EMAIL

Lupa JORNALISMO Seja membro Entrar

VERIFICAÇÃO

É FALSO QUE ENFERMEIRA SIMULOU APLICAÇÃO DE VACINA EM PRESIDENTE FIGUEIREDO (AM)

27.01.2021 - 13h41 Ítalo Rômany Rio de Janeiro - RJ

Circula nas redes sociais um vídeo da primeira pessoa a receber a vacina da Covid-19 no município de Presidente Figueiredo (AM). O post sugere que a aplicação do imunizante foi encenada, já que nas imagens não é possível ver a agulha, tampouco o enfermeiro pressionando o êmbolo da seringa. Por meio do [projeto de verificação de notícias](#), usuários do Facebook solicitaram que esse material fosse analisado. Confira a seguir o trabalho de verificação da Lupa:

FALSO

A informação analisada pela **Lupa** é falsa. O vídeo foi editado, e mostra só um trecho do procedimento. Cópias completas dessa gravação mostram que, primeiro, a paciente recebe a vacina. É possível ver, no vídeo, a agulha entrando na pele e o êmbolo sendo pressionado pelo enfermeiro. Logo depois, a cena é repetida. Como o espaço em que a enfermeira foi vacinada era pequeno e restrito, alguns veículos de comunicação pediram para que houvesse uma simulação para fins de registros fotográficos. O trecho que está circulando nas redes sociais mostra apenas este momento.

A primeira pessoa a receber a vacina da Covid-19 no município de Presidente Figueiredo (AM) foi a enfermeira Aline Moura, em 19 de janeiro. Em sua conta no Instagram, a profissional [publicou o vídeo completo](#), no qual é possível perceber que, de fato, a aplicação da vacina ocorreu. "Pra quem anda falando besteiras, tá aqui! Sou uma profissional de respeito, não brinco com coisa séria", escreveu a enfermeira no post. O fato chegou a ser noticiado em diversos veículos locais (confira [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#)).

O jornalista Bosco Cordeiro, do [Portal do Urubui](#), esteve no local e confirmou, por telefone, que os próprios fotógrafos solicitaram que a aplicação fosse simulada para fins de registro. [Também por mensagem](#), a enfermeira Aline Moura confirmou que foi um pedido da imprensa para repetir a cena.

Não é a primeira vez que a **Lupa** verifica fotos e vídeos de aplicação de vacinas retirados de contexto para divulgar teorias da conspiração sobre imunizantes contra a Covid-19. Em julho, uma situação idêntica foi usada para [sugerir que a vacina Coronavac, na época, em testes, seria uma "farsa"](#). Já em dezembro, circulou nas redes sociais uma foto que mostrava um senhor de idade supostamente [recebendo uma injeção sem levantar as mangas da camisa](#). Na legenda, era dito que isso "provava" que a vacinação contra Covid-19 no Reino Unido era uma "farsa". Os boatos foram desmentidos.

Fonte: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/01/27/verificamos-vacina-presidente-figueiredo/> Acesso em: 27 jan. 2021.

Foquemos, com relação ao segundo texto, a cena genérica. Consideramos, a partir da imagem, tratar-se de um texto de caráter noticioso, que apresenta, em sua estrutura formal, características do discurso jornalístico, conforme vimos anteriormente na cena englobante. Vale ressaltar, nesse contexto, que, da cena englobante do discurso jornalístico, fazem parte textos produzidos em cenas genéricas diversas, porém, neste ponto, é a cena genérica específica na qual se enquadram os textos de verificação que se busca identificar e analisar.

Dito isso, inicialmente, é possível observar que o leitor desse texto se vê diante de uma estrutura textual com título, subtítulo, *lead*, autor, data e horário, acompanhado de elementos multimodais, como disposição das letras, imagens, vídeos, hiperlinks, dentre outros. Assim sendo, a cena apresentada mobiliza uma série de estratégias, que, por sua vez, condicionam o comportamento e as atitudes dos parceiros do discurso, despertando expectativas e antecipações diante dos enunciados apresentados. Note-se, nesse contexto,

OLIVEIRA, Cleânia Martins de; FARIAS, Otávia Marques de. As cenas de enunciação do ecossistema da desinformação construído sobre a vacinação contra a covid-19: um olhar sobre o texto de verificação

por exemplo, que o uso das palavras “falso” e “simulou”, de princípio, já sugerem ao leitor que a conclusão apresentada na manchete passou por um processo de investigação e verificação e que, após uma análise minuciosa, tal acontecimento é considerado inverídico.

Continuemos as ponderações sobre a cena genérica nos textos do corpus, observando também a imagem a seguir.

Figura 3

Mensagens falsas dizem que ação foi pedida pela PGR e direcionada ao governo do Paraná. Órgãos negam. Não há, nos registros do Supremo Tribunal Federal, ação com o número indicado nas mensagens. Trata-se de uma montagem.

Por Thaís Matos, G1
13/04/2021 16h21 - Atualizado há 2 anos

STF autoriza construção de campos de concentração. Mas é pela saúde pública. **FAKE**

Circula nas redes sociais um print como se fosse de uma decisão do Supremo Tribunal Federal que autoriza a criação de campos de concentração para pessoas que recusem se vacinar contra a Covid-19. Segundo a imagem, a ação foi requerida pela Procuradoria-Geral da União e direcionada ao governo do Paraná e à Assembleia Legislativa do estado. É #FAKE.

Anúncio fechado pela CRITEO
Denunciar este anúncio
Ad choices

O print diz que o processo é uma Ação Direta de Constitucionalidade, de número 3.979. Essa categoria não existe. O que existem são: Ação Declaratória de Constitucionalidade ou Ação Direta de Inconstitucionalidade. A primeira categoria não tem registro com o número que consta das mensagens. Já a segunda categoria tem registro, mas **se trata de um processo de 2007, com origem em Minas Gerais**.

Além disso, **o próprio Supremo Tribunal Federal fez um desmentido em sua página oficial**. "O Supremo informa que a notícia é uma montagem grotesca, utilizando o padrão visual de seu sistema público de acompanhamento processual com o intuito de disseminar informações falsas."

Segundo o print, a criação dos campos de concentração e do passaporte Covid ficam estabelecidos pela lei nº 153979, de 26 de março de 2021. Este número de lei, porém, **não existe na legislação federal** nem na **estadual do Paraná**.

Procurado pelo G1, o governo do Paraná também nega ter recebido qualquer determinação com esse conteúdo. "Nada nesse post é verdadeiro", informa o governo, por meio de sua assessoria de imprensa.

Fonte: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/04/13/e-fake-que-stf-autorizou-abertura-de-campos-de-concentracao-para-pessoas-que-recusam-vacinacao-contr-covid-19.ghtml> Acesso em: 13 abr. 2021.

Conforme vemos na figura 3, a estrutura formal do texto de verificação coincide com a estrutura composicional do gênero reportagem. Na imagem, encontramos

elementos como: manchete ou título, subtítulo, *lead* e corpo da notícia. A linguagem clara e contextualizada é utilizada de modo a forjar um tom de abertura, de desvendamento do que está oculto ou manipulado na informação verificada. Isso aponta para a cena genérica da chamada reportagem interpretativa, instituída a partir de organização formal e textual específicas. Assim, encontramos a recorrência de verbos na 3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, por tratar-se de informações que foram publicadas recentemente, mas já passadas. O uso dos verbos declarativos/dicendi na 3ª pessoa, nessa cena, também se faz recorrente e serve para mobilizar vozes de autoridades, que, de certo modo, dão autenticidade e validação aos argumentos propostos no texto.

Considerando os critérios de ordem situacional que fundam a categoria do gênero do discurso, pensemos, inicialmente, na finalidade. Para tratar da finalidade do texto de verificação, deve-se levar em consideração, em primeiro lugar, a dimensão de interpretação do gênero reportagem interpretativa. Desse modo, o enunciador tem como principal finalidade mostrar se a informação que está sendo veiculada nas mídias digitais com intensa propagação é verdadeira ou falsa, de modo que venha a apresentar a seus interlocutores o fato de forma mais completa e contextualizada, para que estes obtenham o conhecimento do acontecimento na sua amplitude. Em outras palavras, o texto de verificação, enquanto reportagem interpretativa, tem como propósito, através de uma investigação mais aprofundada, esclarecer a verdade dos fatos, com recursos de análise e comparação entre os conteúdos noticiosos.

Assim, ocorrências como “É fake”, “O fato ou fake desmentiu...”, “Verificamos”, “A informação analisada pela Lupa”, “A Lupa entrou em contato”, “Ao buscar por ocorridos... descobrimos que...”, “Pesquisamos sobre...”, “Buscamos matérias publicadas...”, “Conversamos com o...”, “Procuramos ainda a...”, “Baseado em informações científicas e dados oficiais...”, evidenciadas nos discursos de verificação, apontam para a finalidade de investigação mais detalhada dos conteúdos em análise. Não se trata simplesmente de dizer que uma informação é falsa ou não, mas de, na esteira do que caracteriza a reportagem interpretativa, realizar um trabalho de apuração dos fatos, com pesquisas, análises, comparações, entrevistas com especialistas, leituras e releituras das informações.

Destaque-se, desse modo, que, a partir dos referidos enunciados, revela-se a busca ostensiva por comprovação da falsificação daquilo que é apresentado como fato (o *corpus* findou sendo formado exclusivamente pela checagem de textos que se comprovaram falsos), desvelando, em toda a tessitura de cada texto, a finalidade da cena enunciativa evocada, que é de desmentir, esclarecer, informar, comprovar, mostrar sua própria confiabilidade enquanto investigação exaustiva, isenta e comprometida com a verdade. Essa atribuição de finalidades dada a uma determinada atividade pelo sujeito do discurso, serve, de acordo com Maingueneau (2015), para regular suas estratégias de produção e interpretação dos enunciados. Assim, a partir da evidência dessa finalidade, produz-se um contrato de relação entre os parceiros do discurso, onde papéis são articulados e desempenhados na interação enunciativa, a fim de que a interpretação efetivamente se estabeleça.

Sob essa perspectiva, pode-se perceber que o enunciador assume o papel de jornalista, apresentando-se como aquele que detém o saber e o poder de esclarecimento dos fatos. Coloca-se como porta-voz de uma instituição que prima pela veracidade e autenticidade no tratamento da informação. Há um comportamento discursivo que constrói uma imagem de seriedade, impessoalidade e tom jornalístico, que trazem implícitas características de um sujeito que imprime respeito e responsabilidade a si

mesmo no ato discursivo.

Ao voltar-se para o seu enunciatário, o enunciador coloca-se numa posição de mediador, que direciona o olhar do leitor para conhecer melhor aquilo que está sendo esmiuçado. Isso é facilmente perceptível, por exemplo, em marcas de expressões que determinam comandos, direcionamentos e pedidos, como “Confira a seguir”, “Leia o texto a seguir”, “Confira”, “Basta olhar para a publicação...”, que aparecem com frequência na cena enunciativa dos textos de verificação de nosso *corpus*.

Esse comportamento discursivo, assim, apresenta a relação existente entre enunciador e enunciatário nos textos de verificação, em que um se coloca numa posição de autoridade, de sabedor das informações, enquanto o outro é inscrito como um sujeito que necessita conhecer a veracidade dos fatos. Cabe ao enunciatário, portanto, colocar-se no seu papel de ouvinte ou leitor, e conformar-se à situação de não-informado, seguindo os direcionamentos que lhe são destinados, já que, conforme elucida Maingueneau (2015, p. 121), a cada um desses papéis são atribuídos direitos e deveres, assim como também competências específicas. Desse modo, como num movimento de troca enunciativa, a fala se direciona de um papel a outro, evidenciando os comportamentos e as atitudes dos sujeitos durante a enunciação.

Quanto ao lugar, no caso da cena genérica do texto de verificação, o lugar do qual pretende-se que a enunciação emergja é aquele ocupado por um enunciador que busca desmentir fatos que foram noticiados como verdadeiros, mas que, na realidade, o sujeito do discurso identifica como falsos. Esse sujeito se insere num espaço histórico-social marcado pela desinformação, conforme verificamos em passagens como: “Verificamos..”, “A informação analisada pela Lupa é falsa...”, “O vídeo foi editado...”, “É fake que morte de médico..”, “Publicação enganosa não esclarece...”, etc. Note-se que há um enunciador que parte de um contexto marcado pela desinformação, e que, do seu lugar de fala, apresenta a preocupação de por luz sobre os fatos duvidosos.

À medida que esse discurso se desenvolve, observa-se que o tom do enunciador deixa transparecer, cada vez mais, o lugar de onde se posiciona enquanto sujeito interpelado pela ideologia nas condições de produção marcadas pela pandemia de Covid-19. É um sujeito preocupado com a situação de desinformação e que demonstra a necessidade de desmentir as informações falsas, assumindo-se como uma espécie de arauto da verdade em meio a um contexto primordialmente desinformativo. O tom apresenta, ainda, o tom de seriedade e firmeza do posicionamento desse enunciador, contribuindo para a promoção da validade e credibilidade dos resultados obtidos no trabalho de verificação e divulgados nos textos que ora examinamos. Assim, consideramos que esse modo de dizer, além de evidenciar o lugar de onde surge a enunciação, ainda deixa transparecer a impressão de que o que é exposto pelo enunciador está acima de qualquer possível questionamento, devendo ser tomado como referência e visto como fonte da verdade.

Quanto à temporalidade, a enunciação se inscreve num período de curta duração, num espaço de tempo que perdura no período em que há a disseminação da notícia considerada falsificada e sua devida verificação. Consideramos, portanto, que sua validade é temporária, existindo apenas enquanto a notícia de cuja veracidade se suspeita circula e enquanto há o interesse do público em conhecer a totalidade dos fatos e verificar se se trata de algo manipulado ou falsificado. O texto de verificação se inscreve, então, em um tempo efêmero e de curta estabilidade.

Ainda no exame da construção da cena genérica em estudo, vale destacar o uso específico dos recursos linguísticos na constituição do quadro cênico. Sobre isso, Maingueneau (2015, p 122) afirma que todo locutor encontra, à sua disposição, um aparato mais ou menos extenso de recursos linguísticos para selecionar no momento da

enunciação, e que cada gênero carrega em si restrições na matéria. Assim, para a construção de sentidos dos enunciados de verificação, mobiliza-se uma série de estratégias enunciativas utilizadas nos discursos.

A princípio, evidenciamos o uso de etiquetas, a exemplo de “#Verificamos”, “É #fake”, “Falso”, “É verdadeiro”, “#boato”, com letras de formato e tamanho diferentes, que se distinguem do restante do texto, como forma de chamar a atenção dos leitores para o que será enunciado. O tom que tais expressões parecem assumir remete à ideia de certeza, de problema solucionado, de que os fatos foram devidamente analisados e de que chegou-se a uma conclusão. Logo, o enunciatário, ao deparar-se com essas ocorrências, encontra-se diante de já-ditos, do interdiscurso, de uma memória que o insere em um gesto interpretativo.

Outro fator preponderante enquanto recurso linguístico, nesse tipo de texto, é o modo de apresentação das formas verbais. Evidenciamos que o sujeito do discurso optou por utilizar com maior recorrência, nos enunciados, verbos na 3ª pessoa do singular e/ou do plural. É uma estratégia comumente utilizada em textos jornalísticos para criar a ilusão de impessoalidade diante dos fatos narrados. O enunciador dos textos de verificação, de certo modo, tenta demonstrar distanciamento e impessoalidade diante do que está checando, como forma de manter o ethos esperado nos gêneros jornalísticos, apesar de, no decorrer da encenação, tornar-se perceptível, como não poderia deixar de ser, sua posição enquanto sujeito histórico e social.

Disso decorre, ainda, através da construção verbal em 3ª pessoa, o surgimento de outras vozes no discurso. São vozes de autoridades, de instituições e especialistas sobre determinados assuntos, que legitimam os argumentos que tentam comprovar que aquela notícia não é verdadeira. Assim, encontramos trechos como “A instituição afirma”, “A autoridade suíça diz”, “A pesquisa científica que apontou”, “A assessoria de imprensa afirmou que”, como forma de validar e dar consistência aos enunciados que se propõem a desmentir as notícias falsas. Essa é uma estratégia bem característica do gênero reportagem, que se qualifica como uma forma de aprofundar-se no conteúdo, de dar saliência a outras vozes e comparar posicionamentos distintos. Vale ressaltar, nesse contexto, que, para a seleção dessas vozes, também há critérios e objetivos, não se tratando de qualquer voz a ser ouvida, mas daquelas que se fazem pertinentes à discussão e que contribuem para validar socialmente o que se enuncia. Ademais, a estratégia da inserção de outras vozes, além de ratificar a direção argumentativa do discurso dos textos de verificação, possibilita, ainda, que a relação entre enunciador e enunciatário se estabeleça ancorada na confiança e credibilidade no que está sendo enunciado, além de evidenciar certo direcionamento alcançado pela seleção das vozes.

Após essas considerações sobre a cena genérica, passemos, então, à figura 4, retirada do texto que nos dará a oportunidade de tecer comentários sobre a cenografia em nosso *corpus* de análise.

Figura 4



Como verificamos?

Tentamos entrar em contato com a idosa que aparece no vídeo que viralizou, para checar se ela fez o “experimento” acreditando mesmo nele ou se, de forma proposital, adotou algum truque. Encontramos o perfil dela no Facebook, com as informações que ela mesma fornece no vídeo, mas ela não respondeu aos nossos contatos por mensagem na rede social. A usuária que publicou o vídeo também foi contatada pela plataforma.

Depois, buscamos outras publicações online sobre o assunto, e encontramos um [post do Centro de Referência para o Ensino da Física, publicado em maio](#), que já explicava a impossibilidade da hipótese de uma “vacina magnética”.

Também encontramos outros vídeos publicados na internet por pessoas que provaram que é possível fazer o truque mesmo sem estar vacinado contra a covid-19.

Buscamos ainda o posicionamento do Instituto Butantan, responsável pela fabricação da Coronavac no Brasil.

Por fim, consultamos outras verificações publicadas por checadores brasileiros e de outros países sobre o assunto.

O *Comprova* fez esta verificação baseado em informações científicas e dados oficiais sobre o novo coronavírus e a covid-19 disponíveis no dia 14 de junho de 2021.

Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/06/14/interna_nacional,1276652/vacina-contracovid-19-nao-tem-efeito-magnetico.shtml Acesso em: 20 jun. 2021.

Ao analisar a cenografia construída para a verificação do conteúdo no site *Comprova*, percebemos um diferencial no quadro cênico que o distingue dos sites analisados anteriormente. Enquanto, naqueles, o discurso de verificação se constrói de forma mais sucinta, neste há um maior detalhamento das cenas, delineando melhor a cenografia da reportagem interpretativa. Assim, de início, chama a atenção o título do texto cujo excerto é mostrado na figura 4. Diferentemente dos outros sites analisados, que começam com o uso de etiquetas como “#Éfake” ou “Verificamos”, neste, o título é apresentado de forma direta, sugerindo a construção prototípica da reportagem: “Vacina contra Covid não tem efeito magnético”. Nesse ponto, ainda não há referência à verificação de forma explícita, mas, num tom noticioso, as informações são evidenciadas de modo a construir um efeito de veracidade, ao afirmar categoricamente que vacinas não apresentam capacidade magnética, diferentemente do que estava sendo disseminado nas redes sociais.

Assim, em um primeiro momento, a cenografia da notícia é instituída a partir da narração do acontecimento que está sendo verificado, justificando o motivo pelo qual deve-se considerá-lo falso. O enunciador, de forma direta e discursivamente construída

como objetiva, tenta esclarecer os leitores sobre a possibilidade de o imã grudar ou não na pele das pessoas. Para isso, recorre ao discurso da ciência, mais especificamente da área da Física. A fim de elaborar o efeito de sentido de verdade para o que assevera, vale-se de outras vozes que proporcionam autoridade ao discurso. A cenografia instaurada, então, tem o papel de contextualizar a situação, de modo que o enunciatário se coloque na posição daquele que pretende conhecer a verdade dos fatos e que tem todos os instrumentos necessários para crer que está diante dessa verdade. Nesse momento, é estabelecido um contrato de parceria entre os sujeitos, no qual cada um se posiciona conforme seu papel na interação.

Corroborando para isso, observamos o movimento do enunciador, no sentido de envolver o leitor na descoberta de como foi realizado o trabalho de investigação, o que se dá por meio da proposição: “Como verificamos?”, que está no topo da figura 4. Esse título remete à ideia de que há um enunciatário que necessita e deseja conhecer com mais precisão como foi realizado o trabalho de verificação, para, assim, posicionar-se com segurança diante do que o texto verificado apresenta. E, ainda, há um enunciador que informa e esclarece como se desenvolveu todo o processo de análise.

A partir disso, instaura-se a cenografia característica da reportagem interpretativa, em que se demonstra o passo-a-passo do trabalho de investigação e apuração dos acontecimentos de modo mais detalhado. Observa-se que há uma sequência nas atividades, representada por meio das construções verbais que indicam ação, como: “Tentamos”, “Depois, buscamos”, “Também encontramos”, “Buscamos ainda” e “Por fim, consultamos”, que se apresentam em curso, uma após a outra, sugerindo continuidade nas atividades. Note-se, ainda, que o uso desses verbos na primeira pessoa do plural aponta para a construção de um trabalho realizado coletivamente. O enunciador, portanto, coloca-se como porta-voz de um grupo. A fala, nesse caso, é representativa de uma instituição que objetiva verificar fatos duvidosos no meio jornalístico.

É interessante notar que, assim como no processo de construção de uma reportagem, a cenografia instaurada tenta mostrar ao enunciatário o teor jornalístico e investigativo do trabalho de verificação da notícia falsa em discussão. O enunciador, a fim de legitimar seu discurso, recorre a diversas cenas validadas, mobilizando falas, posicionamentos e discursos de autoridade. Observe-se que essa cenografia busca, de forma incisiva e, ao mesmo tempo, séria, levar o leitor a acreditar na veracidade daquilo que está enunciando, de modo que os sujeitos não tenham qualquer razão para duvidar de que se trata realmente da verdade. Isso se torna evidente em trechos como este: “O *Comprova* fez esta verificação baseado em informações científicas e dados oficiais sobre o novo coronavírus e a covid-19 disponíveis no dia 14 de junho de 2021”. Demarca-se, aí, mais uma vez, que as informações dadas estão ancoradas em comprovações científicas, de confiabilidade, sustentadas em experimentos, não havendo, portanto, do que duvidar.

Na sequência do texto, após aquilo que pudemos ver na figura 4, há outros elementos que também merecem algumas ponderações. O uso do termo “verificação”, em destaque, aponta para a continuidade da cena que já começou a ser desenvolvida. Nesse ponto, pretende-se apresentar os resultados a que se chegou com o trabalho de verificação. Assim, o enunciador retoma o fato que motivou a investigação, reiterando a situação para o leitor e procurando esclarecer, a partir de conhecimentos comprovados pela ciência, que o que fora noticiado em vídeos é falso.

Um dado importante que merece destaque nessa cenografia é que o enunciador, ao mencionar a fonte da desinformação, refere-se sempre a ela como “a idosa”, e, só a

partir desse trecho do texto, apresenta sua identificação, com o nome acrescido da cidade e do estado em que vive. Essa construção de efeitos de sentido por parte do enunciador é relevante no processo de interpretação do enunciatário, já que o uso do termo “idosa” aciona uma série de estereótipos e de cenas validadas relacionadas à figura do idoso na sociedade. É discurso que circula amplamente aquele segundo o qual são os idosos que alimentam determinadas crenças e conspirações, não sabendo, muitas vezes, filtrar o que lhes chega pelos meios virtuais. A imagem da idosa disseminando a notícia de que há magnetismo na vacina contra a covid-19 se insere nessa cena validada. Portanto, a opção pela designação “idosa” também participa da constituição da cenografia, na medida em que busca demonstrar tratar-se de um vídeo de teor conspiratório, e não de um fato.

É interessante notar que, por tratar-se de material com conteúdo conspiratório, o papel da ciência nessa cenografia é de suma importância. É como se o enunciador simulasse um afastamento da cena ao ceder espaço para que os discursos científicos assumam seu papel legitimador ou contestador. Percebe-se, desse modo, a predominância desses discursos no desenvolvimento da cenografia, uma vez que os discursos instituídos e as cenas validadas ratificam a função dos textos de verificação, que é a de mostrar (ou ainda, de forma mais precisa, construir) a verdade.

Assim, a cenografia se estabelece a partir de dados, comparações, vozes diversificadas e comprovações, que legitimam o que é assegurado no texto de verificação, tendo por base as várias cenas validadas apresentadas. A cenografia da reportagem interpretativa nos textos de verificação, portanto, cumpre o seu papel, que é o de conduzir o leitor para a comprovação de que se trata de uma notícia falsa ou verdadeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso principal objetivo nessa pesquisa consistiu em analisar as cenas de enunciação do ecossistema da desinformação sobre a vacinação contra a covid-19, mais especificamente, dos textos de verificação, observando de que modo tais cenas são neles construídas.

Nessa discussão, vimos que a desinformação constitui um sistema organizado por diversos atores e diferentes instituições, que fomentam a produção de notícias falsas, tendo em vista interesses distintos, de natureza política, econômica, social, religiosa, etc., em um jogo de enquadramentos, interpretações e conexões inverídicas em relação ao que é narrado. De acordo com Wardle (2020), o que estamos vivenciando, na realidade, é um período de desordem da informação, no qual o ecossistema da informação encontra-se perigosamente poluído por muitas formas de distorção dos acontecimentos, o que dá origem a um “ecossistema da desinformação”. Já não são apenas notícias falsas, mas um aglomerado de proposições e recursos midiáticos e textuais, simulados em características prototipicamente jornalísticas, que são manipuladas para, por um lado, enganar e causar danos à sociedade e, por outro lado, favorecer pessoas e/ou grupos específicos.

Levando tudo isso em conta, consideramos de grande importância analisar os textos produzidos pelas agências de verificação, cujo trabalho pretende estabelecer um contraponto a esse aglomerado desinformativo tão potencialmente danoso para a vida em sociedade. Para isso, examinamos as regularidades na constituição das três cenas enunciativas propostas por Maingueneau (2008): a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

Reforçamos que nosso trabalho não exauriu o tema que nos propusemos discutir, restando, ainda, lacunas que poderão ser preenchidas em outras pesquisas. Seria interessante, por exemplo, avaliar de que forma é posta em funcionamento a argumentação nos textos de verificação, buscando destacar os recursos e as estratégias

linguístico-discursivas utilizadas, tendo em vista a persuasão do discurso de checagem. Outra possibilidade seria um estudo sobre o *ethos*, de modo a analisar como a figura do locutor se apresenta ao desenvolver a cenografia da verificação. Além disso, pode-se empreender um estudo mais direcionado aos gêneros emergentes do discurso, com o propósito de aprofundar-se nas especificidades desse gênero que defendemos ser uma reportagem interpretativa voltada para a checagem de veracidade de notícias.

Por fim, consideramos importante que estudos sobre os textos de verificação continuem a ser empreendidos na perspectiva da Análise do Discurso, a partir das cenas de enunciação, para que novas possibilidades de análises possam ser desenvolvidas no âmbito acadêmico, permitindo a produção de novos conhecimentos para a comunidade universitária interessada em algum dos aspectos do fenômeno da desinformação.

Consideramos, por fim, relevante, no contexto atual que estamos vivenciando, permeado de estratégias discursivas que fomentam um ecossistema de desinformação, que discussões mais efetivas sobre esse fenômeno sejam realizadas por pesquisadores e acadêmicos, a fim de inibir o fluxo de notícias falsas veiculadas nos meios de comunicação de massa, e, ainda, a fim de contribuir para o devido esclarecimento de informações destinadas aos sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. - 2ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2004.
- BRITO, Vladimir de Paula; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**, v. 15, n. 6, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8068>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- PEREIRA, Gustavo Teixeira de Faria; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. WhatsApp, desinformação e infodemia: o “inimigo” criptografado. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. e5916, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i1.5916. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5916>. Acesso em: 02 jan. 2022.
- FOX, Christopher John. **Information and misinformation: an investigation of the notions of information, misinformation, informing, and misinforming**. Westport: Greenwood, 1983.
- FRAU-MEIGS, Divina. Notícias falsas e desordens informativas. In: BRITES, M. J.; I. AMARAL, I.; SILVA, M. T. (eds.). **Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar**. Braga: CECS, 2019.
- GITAHY, Yuri. **O que é uma startup?** 2018. Revista Exame. Disponível em: <https://exame.com/pme/o-que-e-uma-startup/>. Acesso em: 02 jan. 2022.
- GRANEZ, Marcio da Silva. A reportagem interpretativa como gênero da checagem: reflexões sobre a experiência do NUJOC. In: **43 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020, Virtual. Anais Provisórios do INTERCOM 2020. São Paulo: INTERCOM, 2020. v. 1. p. 1-15.
- DCMS. **Disinformation and ‘fake news’: final report**. Digital, Culture, Media and Sports Committee. Londres: House of Commons, 2019. Acesso em: 11 jul. 2021.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes; Unicamp, 1994.
- _____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008. Tradução de Sírio Possenti.

- _____. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015. Tradução de Sírio Possenti.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.
- PALÁCIOS, Marcos. Fake News e a emergência das agências de checagem: terceirização da credibilidade jornalística? In: MARTINS, Moisés; MACEDO, Isabel. **Políticas da Língua, da Comunicação e da Cultura no Espaço Lusófono**. Vila Nova de Famalicão: Edições Humus, 2019. p. 77-90. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268088765.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2022.
- PAVLIK, John. **El periodismo y los nuevos medios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ed. Campinas: Unicamp, 1995. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi.
- SEIBT, Taís. **Jornalismo de verificação como tipo ideal: a prática de fact-checking no Brasil**. (Tese de Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2019.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.
- WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Reflexão sobre a desordem da informação: formatos da informação incorreta, desinformação e má informação. In: IRETON, Cherylyn; POSETTI, Julie (eds.). **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Paris: Unesco, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 30 set. 2022.
- WARDLE, Claire. **Entender a desordem informacional**. 2ed. Nova Iorque: First Draft, 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x76851. Acesso em: 10 out. 2022.

Submetido em 14 de fevereiro de 2023.

Aceito em 21 de junho de 2023.